

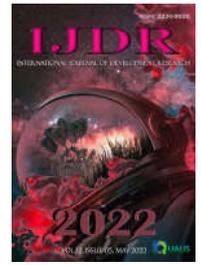


ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 12, Issue, 05, pp. 56315-56319, May, 2022



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

MASCULINIDADE TÓXICA EM NARRATIVAS ANIMADAS DE AÇÃO: UM ESTUDO DO ANIMÊ DRAGON BALL

Rafael Augusto Montassier* and Pedro Henrique de Oliveira Vieira

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th February, 2022
Received in revised form
21st March, 2022
Accepted 08th April, 2022
Published online 30th May, 2022

Key Words:

Imaginário, Masculinidade,
Rivalidade, Anime, Dragon Ball.

*Corresponding author:

Rafael Augusto Montassier

ABSTRACT

A masculinidade e suas imagens povoam vários dos produtos presentes nas mídias e dentro de alguns desses é possível detectar um tipo de masculinidade tóxica, que é uma forma de expressão do masculino que engloba elementos associados à violência, à rivalidade e à dominação de gênero. Nesse contexto, o anime Dragon Ball parece utilizar a masculinidade tóxica como elemento de desenvolvimento de Vegeta, um dos seus personagens principais. Assim, o presente artigo busca compreender e interpretar de que forma essa animação utiliza imagens da masculinidade tóxica como pilar narrativo e quais os caminhos encontrados pela obra para contornar e mitigar as atitudes negativas e tóxicas do referido personagem.

Copyright © 2022, Rafael Augusto Montassier and Pedro Henrique Oliveira. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Rafael Augusto Montassier and Pedro Henrique Oliveira. "Masculinidade tóxica em narrativas animadas de ação: um estudo do animê dragon ball", *International Journal of Development Research*, 12, (05), 56315-56319.

INTRODUCTION

No contexto dos processos de criação nas mídias, a masculinidade pode ser entendida como um mecanismo de construção imagética do papel do homem na sociedade, que engloba diversas características expostas por Connell e Messerschmidt (2013), como força e respeito. Para esses autores, os conceitos em torno do masculino e suas características mais marcantes acabam envolvidos pela chamada masculinidade hegemônica, que diz respeito às diferentes formas de representação do papel masculino e que passaram por modificações no decorrer do desenvolvimento da sociedade humana. Essas representações podem ser notadas no momento em que se considera diversas imagens relacionadas ao imaginário da masculinidade, tais como: o pai protetor; o soldado na guerra; ou até mesmo o forte super-herói que salva o dia. Trata-se de um imaginário amplamente presente em filmes, histórias em quadrinhos, programas de TV e em boa parte da produção midiática em geral, que tanto "constrói tais representações a partir do mundo real, quanto este as transforma" (GHILARDI-LUCENA, 2005, p. 1020), ou seja, a mídia cria representações de masculinidade com base em um imaginário social, ao mesmo tempo em que modifica essas imagens conforme a sociedade passa por transformações. Em paralelo a isso, existe um tipo de masculinidade que pode ser definida como masculinidade tóxica a qual envolve, dentre outras coisas, a violência e a opressão

por parte dos homens contra mulheres e minorias. Na mídia, ela surge com a mesma frequência que outras imagens do papel masculino e continua presente em todo o tipo de produção midiática, sejam livros, filmes ou programas de TV. Representações como essas também estão presentes nos animes, os desenhos animados japoneses que se tornaram tão populares no Brasil. A propósito disso e como bem aponta Almeida e Machado (2018), houve um crescimento da influência da cultura japonesa no ocidente durante as últimas três décadas, com os animes tendo papel importante nesse fenômeno. Em período relativamente recente, isto é, no dia 7 de dezembro de 2020, houve até mesmo o lançamento de um canal brasileiro de televisão aberta cujo foco é a exibição dessas animações japonesas, comprovando a popularidade dessas produções na sociedade atual, nesse país. Dessa forma, pode-se considerar que um estudo sobre as imagens da masculinidade, e mais especificamente da masculinidade tóxica, em séries de anime pode contribuir no melhor entendimento da formação do próprio imaginário ocidental contemporâneo, sendo essencial para uma discussão em torno do desenvolvimento dessas representações em mídias narrativas contemporâneas.

Imaginário Masculino e a formação da Masculinidade Tóxica

Quando a ideia de gênero masculino e feminino entra em pauta, é comum se encontrar uma série de afirmações. A mais comum delas, colocada logo no início do trabalho de Christianna e Kurniawan

(2015), diz que gênero é um conceito construído pela sociedade que limita o papel de homens e mulheres a determinados comportamentos sociais. Tal afirmativa leva ao surgimento da ideia dos papéis de gênero, que podem ser resumidos como uma série de

[...]padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2003, p. 24).

A masculinidade é parte dessa construção social em torno do gênero, mas ao mesmo tempo em que segue determinadas regras impostas socialmente, ela pode ser modificada e apresentar diferentes facetas. Em consonância a isso, para Connell (2005), não existe um conceito único de masculinidade, mas, sim, muitas masculinidades diferentes, cada uma associada a diferentes posições de poder e contextos históricos e socioculturais. Além disso, para tratar de masculinidades é necessário considerar as relações de gênero. Essa abordagem é proposta pela autora em seu estudo sobre a masculinidade, pois uma vez que as normas que definem os papéis de gênero “são fatos sociais, elas podem ser alteradas por processos sociais. Isso deve acontecer sempre que os agentes de socialização – família, escola, meios de comunicação de massa, etc. – transmitirem. Deve-se entender consoante afirma Connell (2005) que a masculinidade engloba uma série de características, que vão desde a busca por respeito, força e intelectualidade, até o uso exacerbado da violência e a opressão de mulheres e homens gays – ainda que estes últimos costumemente apresentem um retrato próprio de masculinidade que muitas vezes não parece se encaixar nos papéis sociais estabelecidos para o homem no mundo ocidental.

Ainda segundo Connell, diferentes expressões do masculino podem ser encontradas em uma mesma sociedade e por esse motivo, encontram-se imagens do que seria uma expressão de masculinidade nos mais diversos contextos; por exemplo, um trabalhador braçal é muitas vezes considerado um sujeito bastante masculino por estar ligado ao conceito de força, enquanto o mesmo acontece com a figura de um grande executivo ou banqueiro, mas cuja a masculinidade está mais fortemente alinhada à intelectualidade e uma ideia de respeito perante a sociedade. Em suma, deve-se considerar que as diversas expressões do masculino são englobadas pela “masculinidade hegemônica” (CONNELL, 2005), a qual “reconhece as relações entre os diferentes tipos de masculinidade, tais como relações de aliança, dominação e subordinação” (*ibidem*). Por serem parte de um fenômeno social, essas expressões da masculinidade farão parte da cultura e dessa forma construirão imagens que acabam por fim se tornando parte de um grande imaginário coletivo. E, dessa maneira, diversas dessas imagens ligadas ao masculino acabam por também estarem relacionadas a símbolos de potência e elevação. Essa situação pode ser corroborado pelo fato de que “Os grandes deuses da Antiguidade indo-europeia, Dyaus, Zeus, Tyr, Júpiter, Varuna, Urano, Ahura-Mazda, são senhores todo-poderosos do céu luminoso” (DURAND, 2012, p. 136) e com o próprio céu sendo elemento altamente cultuado nessas sociedades, esses deuses masculinos são colocados em posição de superioridade perante a outras divindades. De fato, Durand em seus estudos sobre o imaginário considera que as imagens de ascensão e potência estão sempre ligadas a um grande Deus masculino, uma conclusão que parece corroborar as análises que colocam a masculinidade relacionada a ideais de poder, força e respeito na sociedade. Entretanto, alimentada por esses ideais, surge uma expressão particular de masculinidade que muitas vezes é vista como um grande problema de gênero: a masculinidade tóxica citada por Kupers (2005). Este autor ressalta que essa forma de expressão masculina engloba os elementos mais destrutivos da masculinidade hegemônica e está associada principalmente à dominação de gênero (homens sobre as mulheres), à violência exacerbada, rivalidade e às atitudes homofóbicas. Muitas das características já citadas como relacionadas às figuras masculinas ganham contornos menos positivos quando englobadas por atitudes de uma masculinidade tóxica.

Considere o exemplo do aspecto do respeito relacionado ao masculino:

Não há nada de tóxico em relação à necessidade de se pedir algum tipo de respeito. Todos os homens têm essa necessidade e as satisfazem de diversas maneiras. O que pode levar à masculinidade tóxica é a repetida frustração de um homem em necessitar de respeito. Existe assim a bem conhecida caricatura da violência doméstica ou da masculinidade tóxica na comunidade, na qual o homem, ao se sentir constantemente desrespeitado no trabalho e na comunidade, bebe álcool para amortecer a dor e passa a espancar ou abusar da mulher com a qual está mais próximo enquanto grita: “Tudo o que eu peço é que me mostre um pouco de respeito (KUPER, 2005).

Como parte da estrutura social contemporânea e de seu imaginário, os diferentes tipos de masculinidade serão representados na mídia em geral, pois como expõe Ghilardi-Lucena (2005) em seu estudo sobre a representação no meio impresso, a mídia não só incorpora imagens do que seria socialmente aceitável com relação a um gênero, como também tem um importante papel na manutenção, construção e modificação dessas representações dentro de uma sociedade. Os animes, desenhos animados japoneses de grande popularidade no Brasil, como parte da criação midiática em geral, também apresentam imagens que reforçam os papéis de gênero na sociedade e até mesmo possuem suas próprias imagens de representações de um masculino tóxico. Esta figura negativa pode ser detectada com frequência em séries com foco no público masculino, tal como ocorre com o anime Dragon Ball, que utiliza a masculinidade tóxica como ferramenta narrativa para a progressão da trama.

Apresentação do Objeto De Estudo

Dragon Ball é uma franquia midiática que se originou de um mangá homônimo roteirizado e ilustrado por Akira Toriyama. Em 1986 no Japão, houve a estreia de sua versão animada que adaptou os primeiros 194 capítulos do quadrinho japonês para as telas. Posteriormente houve uma mudança nos produtores da série e também no tom cômico inicial dos primeiros capítulos da obra de Toriyama que foi gradualmente se tornando mais dramático e focado nas sequências de ação. E, possivelmente devido a isso, os demais capítulos foram adaptados em uma nova série chamada Dragon Ball Z, que estreou em 1989. Dragon Ball narra as aventuras de Son Goku desde sua infância até ele se tornar um avô. Chama a atenção o fato de que, desde o início da trama, o protagonista é apresentado como dono de uma força física sobre-humana. Parte desse poder deve-se ao treinamento que o personagem recebeu em artes marciais de seu avô, mas na série Dragon Ball Z é revelado que retroativamente Goku era na verdade um alienígena. E, dessa forma, é demonstrado que ele teria vindo ao planeta Terra com o objetivo de destruir seus habitantes e dominar o planeta. No entanto, após sofrer um terrível acidente quando bebê e ter batido a cabeça, Goku fica muito mais dócil do que ele era originalmente e isso, em conjunto com o amor de seu pai adotivo (a quem Goku chamava carinhosamente de “vovô”), o impediram de seguir os passos que seus irmãos intergalácticos haviam planejado para ele.

Conflito Rivalidade e o Medo da Morte: Uma das funções do conceito do imaginário do antropólogo Gilbert Durand é visualizar as formas como os seres humanos lidam com os medos da morte e também da passagem do tempo através da produção de imagens (DURAND, 1993, p. 95-97). Como foi mencionado anteriormente, dentro dessa perspectiva, as imagens de divindades masculinas costumam ser interpretadas como imagens de força e poder. Nos mitos e nas narrativas protagonizados por heróis masculinos violentos, a força que estes empregam é utilizada justamente para combater antagonistas que podem ser interpretados como manifestações desses medos arquetípicos da finitude, os quais podem surgir na imagem de um dragão ou do titã Cronos, por exemplo (DURAND, 2012, p. 123-125). Com isso posto, é possível tratar do tópico seguinte versando sobre conflito e rivalidade. Pode-se definir rivalidade como uma “concorrência entre pessoas que pretendem a mesma coisa” (Dicio, 2009). Com essa definição dialética e

catalisadora de conflitos é possível estabelecer uma relação entre protagonistas e seus rivais em uma narrativa. Uma característica do personagem rival escolhido para análise é o fato de ele ser originalmente apresentado como antagonista em maior ou menor grau e depois, ao interagir com o protagonista por um certo tempo, acaba por se transformar, mudando suas perspectivas e atitudes. Logo, não é de interesse do presente estudo analisar personagens exclusivamente antagonísticos e que não tiveram algum tipo de nuance ou redenção apresentados explicitamente na trama da série Dragon Ball. Segundo o autor e roteirista Christopher Vogler em sua interpretação do monomito de Joseph Campbell (CAMPBELL, 2008), a figura do “Guardião do Limiar” comumente possui esse tipo de arco de dramático que começa como antagonista para então se converter em aliado (VOGLER, 1992, p.81-85).

Os heróis bem-sucedidos aprendem a reconhecer que o Guardião do limiar não é um inimigo ameaçador, mas um Aliado útil, e um indicador prévio de que está a caminho de um novo poder ou acontecimento. Guardiões de Limiar que parecem estar atacando podem estar fazendo um favor ao herói. Os heróis aprendem a reconhecer a resistência como uma fonte de força. (...) Em vez de atacar de frente o poder de um Guardião de Limiar, os heróis aprendem a usá-lo para que não o prejudique. Pode até reforçar o Guardião. As artes marciais ensinam que a força de um adversário pode ser usada contra ele. Assim o ideal é que um Guardião de Limiar não seja derrotado, mas incorporado (literalmente: trazido para dentro do corpo). Os heróis aprendem os truques dos Guardiões, os absorvem, e seguem adiante. (VOGLER, 1992, p.84-85).

Essa relação aparece explicitamente em Dragon Ball através dos embates literais em sequências de lutas, que ocorrem em arcos de torneios de artes marciais com diversas batalhas que, por vezes, se estendem por múltiplos episódios. Ademais, devido ao aspecto fantástico da história, diversos antagonistas possuem a capacidade de obliterar planetas, de modo que as batalhas contra esses personagens podem ser interpretadas de forma análoga aos mitos, projetando situações em que heróis violentos usam da força para destruir avatares da morte na forma de dragões. É válido mencionar que Gilbert Durand prevê outras formas de lidar com tais medos, todavia, a estrutura narrativa de Dragon Ball privilegia um maior enfoque em sequências de ação que demonstram a importância do conflito como elemento essencial para que essa história se desenvolva. Isso posto, é possível passar a analisar os personagens rivais com quem Goku se depara ao longo de sua jornada. Possivelmente, o rival mais icônico da obra é o personagem chamado Vegeta. Introduzido em Dragon Ball Z como o primeiro grande antagonista da série, Vegeta é apresentado como um guerreiro de elite da mesma espécie alienígena da qual Goku faz parte, os chamados saiyajins. Estes últimos são mostrados como uma raça extremamente belicosa que conquista planetas e extermina suas populações locais. Devido a isso, sua cultura é toda voltada para o combate, incluindo um processo em que eles mensuram a capacidade de combate dos recém nascidos e, dependendo do resultado dessa avaliação, eles enviam seus bebês considerados mais fracos para planetas com oponentes menos capacitados e, portanto mais fáceis de serem conquistados pela criança quando ela crescer e desenvolver seus poderes. Tal passagem desse anime caracteriza o propósito original que os saiyajins haviam dado para Goku, que ao ter o seu poder mensurado ao nascimento, havia sido classificado como “classe baixa”. Por sua vez, Vegeta era um guerreiro de elite, que ao nascer possuía um potencial muito maior que o do protagonista do anime em apreço. Esse aspecto em particular é um dos principais fatores que pautam a rivalidade dessa relação. Enquanto Vegeta brada para os quatro ventos a sua superioridade nata e como o protagonista deveria se sentir honrado por ter o privilégio de enfrentá-lo, Goku retruca dizendo que ele é grato por ter tido a oportunidade de crescer na Terra e que mesmo um guerreiro considerado de “classe baixa” poderia superar alguém da elite através do esforço. Ao receber um golpe fulminante de Goku que o faz derramar sangue, Vegeta já começa a perder a compostura pela audácia de alguém da “elite” como ele estar sendo pressionado daquela forma. Após uma longa e violenta batalha e com a ajuda de

seus companheiros, o protagonista consegue provar o seu ponto de vista e vencer seu adversário de classe mais alta. Em conjunto com isso, Goku decide poupar Vegeta visando uma revanche futura na qual os dois poderiam se fortalecer. Apesar da motivação egoísta de Goku de desejar uma revanche contra alguém que havia matado alguns de seus companheiros, Vegeta interpreta esse ato como uma humilhação, ainda mais porque Goku era considerado um guerreiro de classe inferior. No arco seguinte da introdução de Vegeta ele começa a sua transição de vilão para anti-herói, pois ele se une aos protagonistas, contra sua vontade, para poder lidar com uma ameaça ainda maior. Ademais, é revelado que mais do que um guerreiro de elite, Vegeta era o príncipe da raça saiyajin. Ao reencontrar Goku e testemunhar que aquele guerreiro de classe baixa havia ultrapassado ainda mais seus poderes através de um rigoroso treinamento, Vegeta se sente ainda mais humilhado e furioso.

Ao final desse arco de introdução, Vegeta testemunha Goku alcançar um nível de poder lendário da raça saiyajin que o príncipe acreditava que somente alguém com sangue azul como ele poderia manifestar. Colocado no seu limite ao enfrentar o principal antagonista desse arco, Vegeta finalmente expõe seu lado mais vulnerável e chora implorando para que Goku derrote o inimigo que o havia humilhado. No arco seguinte do anime, dos chamados humanos artificiais ou andróides como ficou conhecido na versão brasileira, Vegeta abraça de vez sua posição de aliado dos protagonistas, mesmo que relutantemente e faz isso tudo no intuito de superar os poderes de Goku e recuperar a grandiosidade real que o personagem tem sobre sua autoimagem. Tudo isso em prol do seu orgulho de príncipe dos saiyajins, sentimento esse que será o principal guia das ações de Vegeta. O interessante desse arco em particular é que como a masculinidade tóxica de Vegeta faz com que ele coloque a vida de seus aliados em risco, mesmo que esse não seja seu intuito principal, o que o distingue de suas abordagens anteriores em que ele atuava como um antagonista de fato para com os heróis. Por exemplo: em diversas ocasiões, Vegeta permite que os andróides, que são os vilões desse arco, consigam certas vantagens como reforços numéricos ou capacidade de aumentar seus poderes. A maioria dos protagonistas não concorda e tenta impedir tais atitudes, porém Vegeta usa de sua tremenda força física para alcançar seus desejos. Vale destacar que nesse ponto da história, Vegeta estava tão forte quanto Goku, porém, devido a uma doença do coração, o protagonista estava afastado da trama, logo não haviam outros personagens capazes de impedir as ações do rival. A principal motivação do príncipe para permitir o fortalecimento de seus adversários era justamente provar para si mesmo e para o mundo que ele era o ser mais poderoso, independente do que os andróides fizessem. Todavia, Vegeta acaba por colher os frutos de sua hubris tóxica, além de colocar todo o planeta em sério risco de ser destruído. Todas essas ações de Vegeta são consequências de suas noções distorcidas de respeito e superioridade, que o fazia pensar que apenas oponentes no máximo de sua capacidade seriam dignos de serem derrotados pelo príncipe. Dentre os oponentes que Vegeta se depara no arco dos andróides, destaca-se uma mulher e não surpreende verificar, dado seu comportamento anterior, Vegeta ser misógino para com ela, menosprezando sua força e posteriormente se sentindo humilhado ao ser derrotado pela personagem em apreço.

Fora isso, é importante destacar a violência com que Vegeta trata seu filho, incluindo agressão física direta, mais especificamente em momentos em que o filho tentava impedir seu pai de se colocar em risco em nome de seu orgulho de príncipe, e também de colocar a segurança de todo o planeta na balança ao provocar e dar alguma vantagem aos inimigos para que ele se provasse superior. No arco seguinte, 7 anos se passam, período em que Goku fica afastado do restante do grupo incluindo Vegeta. O príncipe se acalma e parece ter criado vínculo com a Terra, fazendo com que ele se conecte de um modo muito melhor com seu filho nesse intervalo de tempo que se comparado ao arco anterior. Todavia, quando Goku retorna, Vegeta novamente coloca a segurança de inocentes em jogo, ao querer saciar seu desejo de ter uma revanche contra o protagonista. Para isso, Vegeta vende sua alma ao novo antagonista do arco em uma barganha faustiana, além de inclusive atacar pessoas inocentes. Em suas próprias palavras, Vegeta diz que gostaria de voltar a ser o saiyajin

frio que ele costumava ser e não ter que se preocupar com sua família. Ademais, ele amaldiçoava o fato de ter tido sua força de príncipe superada por um guerreiro de classe baixa e também se sentia humilhado por ter tido sua vida salva por este mesmo guerreiro mais de uma vez ao longo da história. Esse último arco da série é o mais importante para o desenvolvimento de Vegeta como personagem, pelo fato de ele finalmente expor suas vulnerabilidades, a princípio, de maneira violenta, mostrando sua dificuldade em expressar seus sentimentos de uma forma mais construtiva, o que é um possível indicativo de que tal capacidade não foi trabalhada ao longo de sua vida. Um paralelo para se entender melhor tal passagem pode ser encontrado em um depoimento do documentário “Human” (ARTHUS-BERTRAND, 2015) no qual um homem identificado como Leonard fala sobre sua criação abusiva e como seu pai havia lhe ensinado a relação entre violência e amor. No caso, o pai de Leonard o agredia e depois dizia “Só fiz isso porque te amo”. Em seguida, Leonard diz que por muitos anos ele acreditou que o amor deveria de fato machucar a pessoa alvo desse sentimento, pois ele havia sido instruído a se expressar emocionalmente daquela forma.

De maneira análoga Vegeta é mostrado como um combatente desde sua infância, tendo sido destacado que sua vida se resumia a lutar, extinguir vidas e dominar os outros através do medo e ainda eliminar qualquer adversidade através da força. Entretanto, Goku foi o obstáculo intransponível que Vegeta não apenas não conseguiu eliminar, como também foi alguém que não quis dominá-lo, optando por salvar sua vida no processo. Assim, pode-se considerar que o protagonista foi alguém que expandiu os horizontes de Vegeta, mostrando que mesmo aqueles considerados inferiores ao sangue real poderiam superá-lo com esforço e que isso não precisaria ser sinônimo de sua dominação ou exterminação, mas poderia haver compaixão envolvida nesse processo. Devido ao apreço pelas artes marciais e pelo ato de lutar em si, mais do que atingir a vitória, Goku conseguia sentir a angústia de Vegeta, isto é, uma angústia que não havia sido direcionada para formas construtivas, pois a única linguagem que Vegeta sabia expressar era a violência. Goku então abraçou a súplica mental de Vegeta e recebeu suas manifestações como um saco de pancada que também revida, pois era também importante para Vegeta que Goku estivesse engajado emocionalmente naquela experiência.

Análise Da Linguagem: Visando entender o processo de criação de imagens da mente humana para lidar com a finitude, Gilbert Durand desenvolve o conceito de trajeto antropológico, através de uma extensa pesquisa envolvendo diversos mitos, culturas e expressões artísticas. Tal trajeto é uma via de mão dupla, entre as características biológicas rumo ao social ou vice-versa (DURAND, 2012, p.41), indo dos mitos até os gestos dominantes e passando pelos esquemas, regimes, símbolos e mais especificamente para o presente estudo, pelos arquétipos. No caso, os arquétipos baseados nos estudos de Carl Jung (DURAND, 2002, p.60), devem ser entendidos como manifestações universais e primárias do inconsciente coletivo que são expressas através de narrativas, como os mitos antigos por exemplo (JUNG, 2000, p.15-17). Além disso, existem outros autores como Joseph Campbell que em seus estudos, também utilizam do conceito de arquétipo (CAMPBELL, 2008) e como ocorre com o já mencionado Christopher Vogler, ao descrever a passagem sobre o Guardião de Limiar. Isso posto, é possível estabelecer relações de tais arquétipos com o arco dramático de Vegeta. E, nesse contexto, verifica-se que, além do Guardião de Limiar, outro arquétipo que se aproxima dos personagens escolhidos para análise é o arquétipo da Sombra. Apesar de a sombra comumente ser colocada nas narrativas como um inimigo que deseja destruir o herói, estes tipos de arquétipo também possuem um potencial de se tornarem aliados que almejam os mesmos objetivos que o protagonista, porém discordam do modus operandi deste (VOGLER, 1992, p.101). Contudo, a característica mais importante do arquétipo da sombra é justamente o seu potencial oculto, característica esta que este personagem não expressa e que pode ser tanto positiva quanto negativa, desde que o mais importante esteja presente, isto é, estar escondido (VOGLER, 1992, p.101). Como outros arquétipos, as Sombras podem expressar aspectos positivos, e não apenas negativos. A Sombra do psiquismo de alguém

pode ser alguma coisa que foi reprimida, negligenciada ou esquecida. A Sombra abriga os sentimentos sádios e naturais que alguém considera que não deveríamos mostrar. (...) A Sombra também pode ser constituída por um potencial inexplorado, como a afeição, a criatividade ou a capacidade intuitiva que ficou sem se expressar. “O caminho não seguido”, as possibilidades da vida que eliminamos ao fazermos escolhas em diferentes estágios, tudo isso pode se reunir na Sombra, fermentando, até ser trazido à luz da consciência. (VOGLER, 1992, p.106).

Em vista do exposto acima, é interessante constatar a maneira como o protagonista Son Goku atua como um catalisador para manifestar as características positivas de personagens sombra como Vegeta, que por seu turno, tinha dificuldade em aceitar isso ao fazer sua transição de antagonista da narrativa para a de um aliado. Diante disso, deve-se entender que a principal força motriz por detrás da masculinidade tóxica de Vegeta era conceber a ideia de ser inferior ao protagonista Son Goku. E, devido a isso, Vegeta não só afeta seus aliados e familiares utilizando-se da violência, como também comete atos motivados por seu desejo de superioridade que retornam como violência para ele mesmo. Com relação à linguagem audiovisual, existem passagens como nos episódios 74 e 157 de Dragon Ball Z, nas quais Vegeta enfrenta oponentes mais fracos que ele e que são usadas na trilha sonora certas faixas musicais mais “triumfantes”. O intuito do termo triunfante ou até heroico refere-se ao fato de que tais faixas da trilha musical de Dragon Ball Z haviam sido previamente utilizadas em cenas nas quais outros personagens aliados derrotaram antagonistas. É válido destacar nesse caso que tais personagens aliados por vezes foram antagonistas, tal qual Vegeta, porém já haviam passado por um arco de redenção explícito, como o personagem Piccolo.

Ademais, este último personagem não demonstrou um comportamento tóxico tão agressivo e duradouro quanto Vegeta, que matou diversos inocentes. Além disso, no episódio 24 do anime Dragon Ball, o personagem derrotado por Piccolo, durante a execução dessa faixa instrumental em particular, havia sido mostrado em tela explicitamente tentando matar o jovem Son Gohan, o filho do protagonista Son Goku, ou seja Piccolo agiu de forma defensiva para proteger a criança. Em conjunto com a valorização musical dos atos violentos de Vegeta, para caracterizar melhor as situações em que ele humilha oponentes mais fracos, existe também o uso frequente em tais sequências do enquadramento em contre-plongée. Em francês, plongée significa mergulho, logo trata-se de um enquadramento em que a câmera está apontada para baixo, em posição de mergulho, ou seja ela está num ponto mais alto do que o objeto filmado. Por sua vez, o enquadramento contre-plongée é caracterizado pela posição da câmara, abaixo da posição em que se encontra o objeto por ela filmado. Segundo Gérard Betton em seu livro Estética do Cinema, tal enquadramento valoriza diversas características e atitudes que definem o príncipe dos Saiyajins:

Essa tomada também falseia a perspectiva: os vários planos, normalmente diferenciados, comprimem-se, e os personagens em primeiro plano parecem maiores. Portanto, o plano contre-plongée magnifica os indivíduos, evoca a superioridade, o poder, o triunfo, o orgulho, a majestade, ou senão a tragédia e o pavor. (BETTON, 1987 p.34-35).

Tais escolhas de abordagem de linguagem audiovisual para retratar sequências em que o personagem executa atos que poderiam ser entendidos como masculinidade tóxica, podem ser percebidas de fato como problemáticas. Pois, tanto o uso da contre-plongée, quanto da música heroica da trilha sonora escolhida, permitem uma interpretação inicial de que tais atos são positivos, endossados tanto pelos criadores e diretores quanto pelos protagonistas e demais personagens heroicos da série. Todavia, em contraposição às faixas musicais, a maioria dos oponentes derrotados por Vegeta são retratados como personagens tóxicos, capazes dentre outras coisas de cometerem o assassinato de inocentes, incluindo crianças. Ademais, mesmo nos episódios 74 e 157 da animação em apreço, a maioria das demais faixas musicais utilizadas durante as sequências de ataque de

Vegeta haviam sido usadas previamente em cenas em que os antagonistas atacaram os protagonistas e/ou em trilhas sonoras em que a disputa aparenta estar equilibrada entre os heróis e os vilões e nenhum vencedor está decidido. Portanto, ao menos com relação ao uso prévio das músicas, tais escolhas não necessariamente refletem um endosso por parte dos diretores quanto às atitudes tóxicas de Vegeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, também é necessário pensar na progressão da narrativa da animação alvo do presente estudo. E, nesse sentido, endossar as atitudes violentas de Vegeta pode servir para transmitir uma sensação de confiança que ele desesperadamente tenta alcançar em relação às suas capacidades físicas. Portanto, essa sensação de confiança de Vegeta que também é transmitida ao espectador pode ser então devidamente subvertida nos momentos em que o personagem permite que novos aliados do antagonista em questão surjam, ou que o próprio alvo de Vegeta se fortaleça para tornar a luta mais interessante e digna de um guerreiro de elite. E, é justamente na hubris de tal ato que a confiança de Vegeta é por vezes substituída pelo desespero, sobretudo quando ele colhe os frutos de sua arrogância, ao ser derrotado. Quanto ao final da narrativa e do arco dramático do personagem, a história do anime Dragon Ball parece de fato não concordar com a masculinidade tóxica de Vegeta, nem mesmo como uma opção para que esse personagem seja o artista marcial mais poderoso. Esta interpretação decorre do fato de que o protagonista Goku e seu filho Gohan demonstram compaixão e vulnerabilidade no decorrer da história e são retratados ao final como mais poderosos que o príncipe saiyajin. Todavia, Vegeta vai de fato se fortalecendo conforme os laços com Goku e os outros personagens aliados vão se desenvolvendo e passa a demonstrar atitudes altruístas e que prezam pela vida alheia, incluindo a sua família, que ele aprende a amar através de seu convívio com o protagonista.

AGRADECIMENTOS

O presente artigo não teria sido possível sem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da orientação das professoras Lucia Leão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e de nossa família.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. R.; MACHADO, A. F. Ambiguidades nas representações de gênero de personagens na série Cavaleiros do Zodíaco. *Revista Comunicação Cultura e Sociedade-ULBRA, Canoas*, v. 8, n. 8, p. 99-121, 2018.
- BETTON, G. *Estética do Cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus*. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- CHRISTIANN, A.; KURNIAWAN, D. Masculinity Representation in Anime (semiotics analysis about the representation of masculinity in Tiger and Bunny anime). In. *The 3rd International Conference on Creative Industry*, 2015 Bali, Indonesia.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06 de dezembro de 2020.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2005.
- DURAND, G. *Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Helder Godinho. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- DURAND, G. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- GHILARDI-LUCENA, M. N. Representações do gênero masculino na mídia impressa brasileira. *Actas do 4º SOPCOM – Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. Aveiro, Portugal, 2005, p.1018-1025.
- Human (2015), de Yann Arthus-Bertrand.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- KUPERS, T. A. Toxic Masculinity as a Barrier to Mental Health Treatment in Prison. *Journal of Clinical Psychology*, v. 61, p. 713-724, 2005.
- Significado de Rivalidade. *Dicio dicionário Online de Português*, 2009. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rivalidade/>>. Acesso em: 02 de Setembro de 2020.
- VOGLER, C. *A jornada do escritor: Estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas*. Rio de Janeiro: Ampersand, 1992.
